

## ARQUEOLOGIA DISCURSIVA: os saberes constitutivos de enfermeiras militantes

Deybson Borba de Almeida<sup>1</sup>, Gilberto Tadeu Reis da Silva<sup>2</sup>, Genival Fernandes de Freitas<sup>3</sup>,  
Maria Itayra Padilha<sup>4</sup>, Igor Ferreira Borba de Almeida<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Saúde Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil.  
deybsonborba@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Escola de Enfermagem Universidade Federal da Bahia, Brasil. gtadeucrcis@uol.com.br;  
igfecn@hotmail.com

<sup>3</sup>Escola de Enfermagem Universidade de São Paulo, Brasil. genivalf@usp.br

<sup>4</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. itayra.padilha@ufsc.br

**Resumo. Objetivo:** analisar o saberes constitutivos de enfermeiras militantes. **Método:** pesquisa histórica baseada no método de história oral com abordagem qualitativa, realizada com onze (11) enfermeiras que militaram/militam pelas questões profissionais a partir da década de 80 no estado da Bahia. Os dados foram coletados por entrevista semi-estruturada, organizados através do software n-vivo 10 e analisado baseado na hermenêutica dialética. **Resultados:** identificamos os saberes pedagógico, administrativo, saúde coletiva, sociológico e de formação sindical. **Considerações Finais:** Os saberes constitutivos de enfermeiras militantes estão inscritos entre as Ciências Sociais, distanciados da Medicina. Em destaque, os saberes pedagógico, político, de saúde coletiva, sociológico e de formação sindical. E Associação Brasileira de Enfermagem é identificada como espaço de formação política.

**Palavras-chaves:** Enfermagem; Política; Liderança; História da Enfermagem.

### DISCUSSION ARCHEOLOGY: the constitutive knowledge of militant nurses

**Abstract. Objective:** to analyze the constitutive knowledge of militant nurses. **Method:** historical research based on the method of oral history with a qualitative approach, carried out as eleven (11) nurses who have been working in the profession since the 1980s in the state of Bahia. The data were collected through a semi-structured interview, organized through n-vivo software 10 and analyzed based on dialectical hermeneutics. **Results:** we identified the pedagogical, administrative, collective, sociological and union training knowledge. **Final Considerations:** The constitutive knowledge of militant nurses are enrolled among the Social Sciences, distanced from Medicine. In particular, the pedagogical, political, collective health, sociological and union formation knowledge. And the Brazilian Nursing Association is identified as a space for political formation.

**Key words:** Nursing; Policy; Leadership; History of Nursing.

## 1 Introdução

No Brasil são recentes e incipientes os estudos sobre o engajamento militante, a maioria das pesquisas existentes data da década de 1990 e são provenientes das áreas de Educação e de Ciências Sociais, constituindo-se em uma fragilidade, para que seja traçado um panorama aprofundado na temática de engajamento político na Enfermagem no país. (Reis, 2007).

A militância é uma forma de participação política engajada e crítica, na qual são desenvolvidas ações voltadas para a conscientização política da população, buscando desenvolver novos valores que possibilitem às pessoas se organizarem e lutarem para a construção de uma sociedade justa, digna e democrática. (Baltazar, 2004).

No campo da Saúde, a militância pode ser expressa na aposta do encontro entre trabalhadores, gestores e usuários como espaço para a produção da vida, da invenção de si e do

mundo. Pois no momento em que estes atores estão em relação, emergem multiplicidades de agenciamentos que podem apontar para a produção de algo que vá para além daquilo que é denominado produção de saúde. (Oliveira, 2009).

Na área da Enfermagem, a militância política é compreendida como essencial para trilhar o caminho da mudança, com uma visão integral comprometida, ética, política e socialmente com o ser humano e a sociedade brasileira, devendo ser evitada a acomodação e a exagerada aceitação sem questionamento, o que faz da profissão, muitas vezes, uma prática repetitiva e sem criatividade (Geovanini,2010).

Compreendemos que a Enfermagem tem estreita relação com o tema da política e dos processos sociais. Esta área do saber está cingida pela divisão técnica e social do trabalho, tanto na perspectiva vertical como na horizontal, por questões sociopolíticas, resultante de questões conflitivas que emergem cotidianamente na Enfermagem entre médicos e enfermeiras, enfermeiras e pacientes, enfermeiras e técnicos ou auxiliares de Enfermagem e técnicos e auxiliares entre si. (Braverman, 1983).

Em observância ao *Scoping Review*, considerando a base da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), quando inserimos a palavra de busca *Militância Política* encontramos cinquenta e três (53) estudos; ao inserirmos o termo *Enfermagem* detectamos uma (1) pesquisa relacionada ao movimento estudantil e quando acrescido os termos *enfermeiro* e *enfermeira* não encontramos qualquer produção acadêmica. O mesmo ocorreu quando buscamos *engajamento político* e *ativismo*.

Tais achados indicam uma lacuna do conhecimento quando pensamos no engajamento, militância e ativismo na profissão. Comungamos com a afirmativa de que existe entre as enfermeiras uma tradição no exercício obediente, inicialmente exigido por questões religiosas, no estereótipo de uma profissional competente e finalmente, fica evidente que a obediência pode ser algo ensinado, aprendido e cultivado na Enfermagem. (Passos, 2012).

A partir desses enunciados temos como questão norteadora: quais são os saberes que constitutivos de enfermeiras militantes, quais saberes formam o sujeito militante?

Para responder a essa pergunta adotamos a base teórico filosófica de Foucault, que considera que a arqueologia se concentra em recortes históricos precisos a fim de descrever, não só a maneira pela qual os diferentes saberes locais se determinam, a partir da construção de novos objetos que surgiram em um determinado momento, mas também, como eles se correspondem entre si e descrevem de maneira horizontal uma configuração epistêmica coerente (Revel, 2011)

No interior da arqueologia encontram-se, tanto a ideia da arca, centrada na ideia dos objetos de conhecimento, como a ideia de arquivo, centrada no registro desses objetos. Por isso, é de importância a leitura horizontal das discursividades por meio da análise vertical, direcionada ao presente das determinações históricas de nosso próprio regime de discurso (Revel, 2011).

De modo mais específico, na arqueologia foucaultiana os discursos são tomados em sua positividade como “fatos” e trata-se de buscar sua origem ou seu sentido secreto, mas, as condições de sua emergência, as regras que presidem seu surgimento, seu funcionamento, suas mudanças, seu desaparecimento, em determinada época, assim como as novas regras que presidem a formação de novos discursos. Todos esses apontamentos provocam a indução da compreensão da constituição de sujeitos militantes a partir dos seus discursos, na identificação vertical de uma temporalidade e na análise horizontal na construção das discursividades e na identificação de saberes.

Por fim, este artigo tem como objetivo de analisar o saberes constitutivos de enfermeiras militantes.

## 2 METODOLOGIA

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Bahia/Escola de Enfermagem. O processo de pesquisa obedeceu aos preceitos éticos, sendo mantido o anonimato

dos participantes, a confidencialidade das informações, além da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em duas vias, sendo uma do sujeito da pesquisa e outra do pesquisador.

Este estudo é uma pesquisa histórica baseada no método de história oral com abordagem qualitativa. Realizado no Estado da Bahia, localizado na Região Nordeste do Brasil, possui uma área territorial de 564.733,081 km<sup>2</sup> e representa o quinto em extensão. A população estimada em 2015 corresponde a 15.203.934 habitantes (IBGE, 2014). Em consulta ao Conselho Regional de Enfermagem, seção Bahia, constatamos a existência de dezessete mil (17.000) auxiliares de Enfermagem, sessenta mil e duzentos e vinte (60.220) técnicas de Enfermagem e vinte sete mil quatrocentos e quarenta e sete (27.447) enfermeiras, totalizando cento e quatro mil seiscentos e sessenta e sete (104.667) profissionais (COREn, 2014).

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas com enfermeiras militantes presidentes da ABEn e Sindicato, bem como, através da técnica bola de neve, com enfermeiras que exerceram a militância mesmo não assumindo a condução de entidades representativas.

Na técnica bola de neve os primeiros participantes contatados na aplicação da pesquisa são as “sementes”. As presidentes do Sindicato e da ABEn, a partir da década de 80, indicaram filhas (os) das “sementes”, a partir de critérios pré-estabelecidos que serão descritos mais adiante.

No plano mais operacional, a técnica bola de neve foi desenvolvida em dois momentos:

um primeiro, para indicação das “sementes”, baseado em um único critério de inclusão, o exercício de mandato presidencial na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) – Seção Bahia e ou no Sindicato dos Enfermeiros do Estado da Bahia (SEEB), a partir da década de 80;

um segundo momento, para indicação das filhas (os) das “sementes”, com critérios pré-estabelecidos, dentre os quais:

ser enfermeira;

militar por questões políticas específicas da profissão, bem como, pela valorização, visibilidade, respeito e reconhecimento profissional, por um período de, no mínimo cinco anos, de forma sistemática, regular e reconhecida socialmente, devendo abranger o período da década de 80;

assumir e participar de movimentos e mobilizações sociais e públicos na Enfermagem.

Por fim, é importante registrar que como critério de exclusão, estabelecemos um limite de tentativas de contato para marcação das entrevistas, de cinco vezes e se em todas essas tentativas não acontecesse à coleta de dados, a militante era excluída do rol da amostra. E nesta situação ocorreram dois (2) casos. E a coleta de dados foi suspensa a partir do momento em que houve saturação das respostas.

Devido à saturação das respostas, critério adotado para encerramento da coleta de dados, tiveram doze (12) participantes. Destas, cinco (05) enfermeiras que ocuparam cargo de presidentes na ABEn-Bahia ou SEEB no período pesquisado e sete (07) participantes que foram indicadas pela técnica bola de neve.

Após contato via telefone e agendamento prévio, as entrevistas nos dois momentos, tanto com as presidentes de entidade como com as filhas das sementes, eram individualizadas e foram realizadas em ambiente privativo por profissional treinado e habilitado, com duração aproximada de 2 horas e 55 minutos. Os dados foram coletados no período de julho a dezembro de 2015. Foi utilizado um roteiro de entrevista abrangia a quatro blocos: um sobre questões sócio demográficas; outra parte que trata da militância política na Enfermagem correlacionando-a aos movimentos sociais do período pesquisado; uma terceira parte que contempla questões sobre o processo de eleição dos representantes formais da Enfermagem; e o quarto que considera as questões da história de vida do sujeito militante. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

### Análise dos dados

Para analisar os dados utilizamos o método da Hermenêutica Dialética, baseado na Sociologia Compreensiva, que contém dois aspectos fulcrais: a teoria da experiência e a teoria da reconstrução, no caso específico, a partir da experiência do vivido das militantes políticas da Enfermagem na construção do fenômeno, buscando sua compreensão dos saberes que constitui esta enfermeira (Bleicher, 1980).

Em uma direção operacional, ao analisar os dados, as entrevistas, consideramos as seguintes etapas:

- nível das determinações fundamentais que corresponde à fase exploratória da investigação, tratando-se do contexto sócio-histórico dos grupos sociais e que constitui o marco teórico-fundamental para a análise, que no caso do estudo está alicerçado por Foucault;
- ordenação dos dados que compreende a sistematização de todos os dados recolhidos, as histórias de vida das militantes;
- classificação dos dados, onde é preciso compreender que os dados não existem por si só, eles são construídos a partir do questionamento que fazemos sobre eles, com base nos fundamentos teóricos;
- análise final, momento onde se estabelece a articulação entre os dados coletados e os referenciais teórico-filosóficos da pesquisa, para encontrar os fundamentos às questões e objetivos formulados (Minayo, 1996).

Na etapa de ordenação dos dados, utilizamos o *software N vivo 10 for Windows*, quando organizamos trechos das falas por núcleos de sentidos. Este programa é largamente utilizado com as pesquisas em saúde de abordagem qualitativa, inclusive em outras áreas, como a Antropologia e em diversos países como Austrália e Reino Unido.

A partir desta etapa, confrontando com o referencial teórico-filosófico da tese e com as possibilidades apontadas no *software n-vivo*, conformamos o quadro de análise e chegamos a categoria e subcategorias de análise, adaptado (Silva; Nascimento & Alencar, 2012).

## 3 RESULTADOS

Tivemos um rol de doze entrevistadas, caracterizadas do seguinte modo:

no que concerne à faixa etária, seis (06) das entrevistadas estão entre 60 e 69 anos, três (03) com idade entre 70 e 79 anos e duas (02) na faixa etária entre 50 e 59 anos;

quanto ao sexo das participantes do estudo, identificamos que dez (10) são do sexo feminino e um (01) do sexo masculino;

quanto ao estado civil, cinco (05) enfermeiras eram solteiras, quatro (04) casadas, uma (01) divorciada e uma (01) viúva;

sobre o tempo de formação, quatro (04) das enfermeiras possuem de 30 a 39 anos de formada, quatro (04) possuem de 40 a 49 anos e três (03) de 50 a 59 anos. Destas, seis (06) possuem pós-graduação *stricto sensu*;

no que concerne à instituição formadora, nove (09) das militantes foram formadas por Universidade pública e duas (02) por instituição privada;

em relação ao tempo como militante, quatro (04) das entrevistadas atuam como militantes de 40 a 49 anos, três (03) das enfermeiras atuam em defesa da profissão de 10 a 19 anos, duas (02) atuam em entidades de 20 a 29 anos e outras duas (02) atuam como militantes de 30 a 39 anos;

por fim, a renda salarial das enfermeiras entrevistadas situou-se entre 10 e 15 salários mínimos para quatro (04) enfermeiras, entre 16 e 20 salários mínimos também para quatro (04) e para três (03) ficou entre 5 e 9 salários mínimos.

Nos dados empíricos são visíveis os saberes que constituem o sujeito militante, em destaque:

**Quadro 1.** Arqueologia discursiva: os saberes constitutivos de enfermeiras militantes.

Corpus	Síntese Hermenêutico- dialética
[...] [Ser professora], isso obriga pelo menos a pensar, que papel você tá exercendo ali na formação [...](Rosa dos Ventos 1).	Saber Pedagógico
[...] eu tenho uma tendência muito maior pra área administrativa (...) na Escola de Enfermagem eu exerci todos os cargos. [...](Rosa dos Ventos 1).	Saber Administrativo
[...] toda essa minha atividade de dar, de discutir, com pessoas administrativamente muito superiores a mim [...] me fez com que eu não me dobrasse [...] (Rosa dos Ventos 1).	
[...]o que eu tenho constatado é que quando o estudante milita no movimento estudantil, os que fazem militância política estudantil, posteriormente quando ingressam no mundo do trabalho, mesmo que não estejam em entidades de classe, se tornam militantes do campo de trabalho. Professoras e professores também inspiram, têm potencial para despertar a reflexão crítica social, mas a minha vivência tem me revelado que são poucas ou poucos. A maioria não motiva a militância política e até contribuem para a sua obstrução. [...] quero declarar que ter sido enfermeira foi e é muito importante para minha vida pessoal. Eu aprendi muito nas relações com técnicas de Enfermagem, com as auxiliares, com as enfermeiras, com os usuários dos serviços de saúde. [...](Rosa dos Ventos 9).	
[...] toda ação humana é política, todo ser é um ser político [...] quando eu defino o tema de um congresso eu tenho uma definição política, o conselho não deixa de ter uma política de fiscalização, eu posso ter uma política coercitiva ou educativa[...] nós somos muito mais avançados em termos críticos e termos de posições políticas que as enfermeiras americanas, elas desenvolveram a competência técnica, muito na questão do cuidado dessas coisas. [...] a pessoa dizia: “discutir com América Latina é mais difícil do que com países Europeus e países Africanos, vocês são muito críticos.” [...] Um militante político em termo de você ser articulador, negociador, você tem que saber estratégias e táticas. [...] (Rosa dos Ventos 10).	Saber Político
[...]a gente fez várias articulações na secretária de saúde [...] [ fala sobre a construção do posto de saúde pela comunidade] as mulheres foram conduzindo, a gente foi fazendo bazares, vendendo as coisas pra melhorar, pra rebocar, pra pintar [o posto de saúde] esse foi um trabalho assim de um aprendizado imenso pra mim. Do ponto de vista, político e técnico [...] a maior escola de formação foi a ABEn. [...] duas coisas para mim foram fundamentais em termos da minha formação, a partir do momento que eu comecei a estudar gênero e a compreender melhor por essa perspectiva a vida em sociedade e a militância da Associação Brasileira de Enfermagem porque isso me fez ter uma outra visão de mundo, de vida, de meu espaço como professora, tudo isso me deu uma amplitude muito grande [...] trouxe pra mim como retorno como pessoa, como cidadã, como profissional de saúde, como professora, como mulher. [...] (Rosa dos Ventos 11).	
[...]o processo da descentralização das ações de saúde, que possibilitou que nesse país inteiro se tivesse enfermeiros ocupando cargos de secretários de saúde, de coordenações de projetos [...] houve a possibilidade do aparecimento de muitos enfermeiros mais atuantes e também com ampliação da compreensão de saúde coletiva. [...] (Rosa dos Ventos 10).	Saber da Saúde Coletiva
[...] experiência de pensar em um novo modelo de atenção [...] na disciplina de saúde rural [...]mas tínhamos toda uma discussão sobre esse modelo de atenção que existia de campanhas, de coisas que... De descentralizações [...] (Rosa dos	

---

Ventos 11).

[...]a 8ª Conferencia Nacional de Saúde que, como já sabemos, foi um marco na luta pela mudança de um modelo de atenção à saúde no país [...] foi conquista de um movimento de reforma sanitária brasileira: movimento político que teve como atores trabalhadoras, trabalhadores e usuários da saúde e que impulsionou a criação do Sistema Único de Saúde. [...] Militantes do campo da Enfermagem trabalham pela vida das pessoas, portanto, pelo direito à vida plena, com dignidade. Você não pode pensar em vida digna sem pensar no direito ao trabalho, à renda, à moradia, o direito à alimentação. [...] essas questões sociais amplas estão extremamente vinculadas ao nosso campo de trabalho como trabalhadores e trabalhadores da saúde e como cidadãos e cidadãs que somos. [...] (Rosa dos Ventos 9).

[...]Se me perguntam, por exemplo, qual é a minha profissão, eu direi: enfermeira e não “Enfermagem”. Isso é importante para que não continuemos a contribuir com a invisibilidade do fato de que se trata de um campo de trabalho dividido tecnicamente e socialmente para atender ao modo de produção capitalista e, portanto, um campo organizado para satisfazer ao modo de produção capitalista que explora a força de trabalho para fazer girar a roda da fortuna e concentrar renda em pequenos grupos [...] e um campo [...] complexo e sujeito a conflitos entre as categorias de trabalhadoras e trabalhadores. [...] como trabalhadoras e trabalhadores que somos, vendemos nossa força de trabalho aos empregadores, que entendem na nossa divisão técnica, uma oportunidade de desvalorizar economicamente esse trabalho. [...]e imprescindível é a luta por direitos de cidadania, por justiça social, a luta dos trabalhadores de um modo geral. Afinal, somos trabalhadoras e trabalhadores. [...] (Rosa dos Ventos 9).

Saber  
Sociológico

[...] Eu acho que a questão da formação é uma questão séria, muito séria, inclusive uma das coisas que a gente fez aqui, no caso, foi trazer a discussão do caso da disciplina de Sociologia Aplicada à Enfermagem [...] lutei muito pela presença dessa disciplina [...] trazia uma discussão de gênero, trazia discussão das questões sociais, as questões raciais também, as questões de classe social. [...] era um espaço que a gente fazia a formação [...] (Rosa dos Ventos 10).

[...]a partir do momento que você incorpora essas perspectivas na sua vida [...] raça, gênero, você não pode olhar pra raça, gênero sem olhar as questões de classe social também, [...] você olhar os conteúdos não só pela perspectiva da técnica, mas também da política, de como isso se desenvolve dentro dos processos das políticas de saúde. [...] (Rosa dos Ventos 11).

[...] nossa vivência sindical [...] tem ajudado muito aqui o Conselho a até entender onde tá o papel do sindicato certo, e fazer essa articulação com o sindicato a gente trabalha muito bem articulado com o sindicato de uma maneira geral [...]da minha experiência [...] além de ter participado de Gestão, ter participado do Sindicato[...] (Rosa dos Ventos 3).

Formação  
Sindical

---

## 4 DISCUSSÃO

A partir da análise das falas, subsidiadas pelo software *n-vivo*, pudemos identificar os seguintes saberes: pedagógico, administrativo, saúde coletiva, sociológico e de formação sindical. Que converge com a tese formulada por outro estudo, quando trata da filiação médica na Enfermagem, colocando que a idealização da enfermeira pelo escopo do trabalho do médico interfere na sua identidade profissional (Collière, 1999).

O afastamento do terreno do exercício profissional do médico poderá propiciar outros modelos de identificação, o que converge para os achados do estudo, os saberes destacados estão marcados por áreas desvinculadas, em parte, do ascendente médico (Collière, 1999).

O primeiro destaque sobre os saberes que constituem uma militante na Enfermagem está relacionado ao campo pedagógico, à capacidade de pensar, o fato de ser professora durante muito tempo possibilitou à colaboradora do estudo a possibilidade de refletir sobre as coisas, bem como, a sua responsabilidade no ensino da profissão.

Neste sentido, a educação é uma experiência humana que permite a intervenção no mundo, intervenção que além do conhecimento dos conteúdos, implica, tanto no esforço de reprodução da ideologia dominante, como no seu desmascaramento, sendo dialética e contraditória, não poderia ser a educação, só uma ou só a outra, dessas duas coisas (Freire, 1996)

Outro saber apontado como constitutivo das militantes foi o administrativo, sendo identificado na análise hermenêutica como uma diferença, pois, ao pensarmos a prática de uma militante, em especial os saberes constituídos, não encontraríamos num primeiro olhar o saber administrativo. Contudo, vale salientar, que a prática militante identificada na Enfermagem se dá em espaços institucionais representativos, e certamente por este motivo, seja essencial um saber administrativo. Outrossim, compreendemos que para a direção de entidades representativas, esse saber é importante, pois, a atividade laboral requer ainda mais, transparência, responsabilidade e democracia no uso dos recursos financeiros, conferindo poder econômico e de decisão às dirigentes. Outro saber identificado na constituição do sujeito militante foi o saber político, entendendo que a dimensão política é inerente aos indivíduos, porém, assumindo que em alguns indivíduos, o exercício político é mais pronunciado do que em outros, entendendo a política como um processo pelo qual interesses são transformados em objetivos e os objetivos são conduzidos à formulação e tomada de decisões efetivas, decisões que “vinguem” (Ribeiro, 1998).

Neste ponto, considerando a análise hermenêutica e dialética, percebemos como divergente do quadro teórico o resultado de que a prática docente contribui para obstrução da prática militante.

As entrevistadas reconhecem práticas políticas, como por exemplo, a compreensão dos aspectos que estão implicados na decisão de temas centrais para os Congressos de Enfermagem, explicitados na articulação necessária para representação da categoria profissional, bem como, inseridos nas relações de equipe.

Vimos também, nos discursos de várias militantes da Enfermagem, a sua implicação com as comunidades mais vulneráveis, bem como, com as questões sociais e de compreensão do processo saúde-doença de modo ampliado, resultante, também, das condições sociais. Desse modo é um exercício de poder, de intervir sobre a realidade social, dado que trata-se de uma ação implicada com o mundo.

Assim, a prática militante é vista como o dispositivo gerador de poder, que à medida que se pratica, gera mais poder, estando expresso nas relações, nas formas de resistência contra as diferentes formas de poder, visíveis nos enunciados discursivos. A resistência é como um catalisador químico de forma a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados (Foucault, 2012).

Por outro lado, quando analisamos a prática política na Enfermagem, percebemos que essa trajetória militante e implicada politicamente com a Enfermagem não é majoritária, pelo contrário, um estudo sobre a Associação Brasileira de Enfermagem, faz referência à falta de conhecimento sobre a história da profissão e sobre a importância da participação dos profissionais na associação, bem como, o desconhecimento da trajetória histórica da entidade, a ausência de novas lideranças nos espaços de poder, reduzindo o senso crítico das discussões (Oliveira, 1990).

Nesta direção, foi identificado nos discursos uma divergência, posto que as enfermeiras brasileiras são reconhecidas no cenário internacional como críticas, aspecto revelado na entrevista de Rosa dos

Ventos 10, onde destaca que presenciou o seguinte discurso, dirigido a ela como representante do Brasil: “discutir com América Latina é mais difícil do que com países Europeus e países Africanos, vocês são muito críticos.”.

Outra subcategoria encontrada foi o saber referente à Saúde Coletiva, aqui entendida como um campo de produção do conhecimento e de intervenção profissional especializada, mas também interdisciplinar, onde não há limites precisos ou rígidos entre as diferentes escutas ou modos de olhar, pensar e produzir saúde (Campos, 2006).

Em algumas falas, percebemos que os saberes mais distanciados da prática médica, do modelo hospitalocêntrico e biologista compõem o repertório de saberes das militantes, implicando em possibilidades de práticas de libertação e na construção de saberes libertários da situação de submissão, invisibilidade e falta de identidade que envolve todas as categorias que compõem a equipe de Enfermagem.

O saber da Saúde Coletiva vem agregar avanços significativos ao campo de atuação da enfermeira, possibilitando a ampliação de práticas de Saúde, uma saúde coletiva para além do positivismo, do estruturalismo e de uma posição de transcendência do modelo de saúde pública vigente, constituída à imagem e semelhança da tecno-ciência e do modelo biomédico (Campos, 2000)

Do mesmo modo, o saber sociológico é apontado como constitutivo de enfermeiras militantes, aqui caracterizado como ciência, que tem por objeto o estudo dos fenômenos sociais atrelados ao processo saúde-doença, que exige uma abordagem coletiva e social da doença e a formação de pessoal especializado para o entendimento desta perspectiva (Campos, 2006).

Os dados empíricos deixam explícitos o quanto o componente curricular sobre sociologia da saúde agrega à Enfermagem, ampliando a atuação da enfermeira para o entendimento das questões sociais que o determinam, bem como, as questões sociais e econômicas que influenciam o processo de saúde-doença.

Além do mais, outros discursos indicam que a perspectiva sociológica colabora com o entendimento das questões de raça e gênero, que também são transversais ao trabalho da enfermeira, da equipe de Enfermagem e que influenciam no processo do adoecimento.

Corroborar a essa discussão o estudo, que trata da experiência de ensino da Sociologia Aplicada à Enfermagem e a justifica como uma possibilidade de instrumentalizar as futuras trabalhadoras para enfrentar o mundo do trabalho, tendo como eixo norteador o trabalho da Enfermagem, utilizando a Sociologia como instrumento de análise da Enfermagem, que toma o trabalho como princípio educativo e que trata do conhecimento, como elemento de libertação das trabalhadoras da Enfermagem (Alves, 1997).

Em última subcategoria, foi citado o saber da formação sindical na constituição de sujeitos militantes, isso porque, há uma intrínseca relação existente entre a luta de classes e a constituição de sindicatos no Brasil, para o enfrentamento dos conflitos entre exploradores e explorados e as polarizações de poder existentes nas disputas da sociedade ( Rossi & Gerab, 2009).

Por fim, a última subcategoria de análise aponta para a associação e o sindicato dos enfermeiros como espaços de constituição de militantes políticos. Isso ocorre porque na Enfermagem brasileira contamos com a representatividade da associação, sindicato e conselho que abarcam a totalidade do exercício e prática profissional de Enfermagem: o desenvolvimento teórico, a defesa dos seus interesses e a regulamentação do seu exercício (Geovanini,2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou analisar os saberes constitutivos de enfermeiras militantes, tendo como questão norteadora: quais são os saberes constitutivos de enfermeiras militantes, quais saberes formam o sujeito militante?



Os saberes constitutivos de enfermeiras militantes estão inscritos entre as Ciências Sociais, distanciados da Medicina. Em destaque, os saberes pedagógico, político, de saúde coletiva, sociológico e de formação sindical. E Associação Brasileira de Enfermagem é identificada como espaço de formação política.

Válido destacar que o estudo é uma possibilidade para análise dos processos formativos em Enfermagem, dado que a constituição de sujeitos políticos corresponde a dois dos quatro pilares da formação, o saber conviver e saber ser, apesar da fragilidade na dimensão política da formação e dos determinantes de contexto destacados.

Nesta possibilidade, está a centralidade do conhecimento emancipatório na formação dos profissionais de Enfermagem, sendo importante dizer que a formação não ocorre só através e na escola, a formação se dá no andar a vida. E que o conhecimento emancipatório se dá por meio de saberes, práticas e vivências ativadoras da condição de sujeito, já destacadas acima.

Em conclusão, este estudo apresenta uma base teórica, filosófica e metodológica que possibilita sua replicação em outras partes do mundo, sendo que o autor aplicou este estudo em Portugal, com enfermeiras militantes e culminou em um resultado muito próximo com o encontrado nesta tese.

Em contraponto, reconhece-se que estudos qualitativos e históricos possuem aspectos que limitam a generalização dos resultados, contudo, os resultados encontrados são convergentes com o acervo da revisão de literatura da tese, ao passo que apresenta aspectos inovadores e desconhecidos para o campo de saber em questão.

## REFERÊNCIAS

- Alves, Delvair de Brito. Trabalho, Educação e Conhecimento na Enfermagem: uma contribuição aos estudos sobre força de trabalho feminina. Salvador: Central, 1997.
- Baltazar, B. Encontros e desencontros da militância na vida cotidiana. In: Psicologia: teoria e pesquisa, Brasília, v. 20, n. 2, maio/ago., 183-190, 2004.
- Bleicher, J. Hermenêutica Contemporânea. Lisboa: edições 70, 1980.
- Braverman, Harry. Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1983.
- Campos, G. W. S. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. Ciênc. saúde coletiva. v.5, n.2, Rio de Janeiro, 2000.
- Campos, G.W. S, et al. Tratado de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, São Paulo: HUCITEC, 2006.
- Collière, M. F. Promover a Vida das práticas das mulheres de virtude aos cuidados de Enfermagem. Coimbra: Lindel, 1999.
- Conselho Regional de Enfermagem, Seção Bahia. Consulta ao conselho com relação ao quantitativo de profissionais, Salvador, 2014.
- Foucault, M. Estratégia, Poder-Saber. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- Freire, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- Geovanini, T. et al. História da Enfermagem: versões e interpretações, 3. ed, Rio de Janeiro: Revinter, 2010.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Rio de Janeiro - RJ). Censo Demográfico 2009. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>> Acesso em 12 de janeiro de 2014.
- Minayo, M.C. S. O Desafio do Conhecimento. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- Oliveira, F. V. S. Associação Brasileira de Enfermagem: mudanças e continuidades: a propósito do movimento participação (1979-1989) Dissertação. Natal (RN): Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1990.
- Oliveira, G. N. et al. Novos possíveis para a militância no campo da Saúde: a afirmação de desvios nos encontros entre trabalhadores, gestores e usuários do SUS. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.13, supl.1, 523-9, 2009.
- Passos, E. De anjos a Mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras. 2.ª Ed. Salvador: EDUFBA, 2012.
- Reis, E. Contestação, engajamento e militantismo. Da “luta contra a ditadura” à diversificação das modalidades de intervenção política no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- Revel, J. Dicionário Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- Ribeiro, J. U. Política: quem manda, porque manda, como manda. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.
- Rossi, W.; Gerab, W. Para entender os sindicatos no Brasil: uma visão classista. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- Silva, T.O. S; Nascimento, M. A. A; ALENCAR, B. R. A. Hermenêutica Dialética: uma experiência enquanto método de análise na pesquisa sobre acesso do usuário à assistência farmacêutica. Rev. Brás Promoção Saúde, Fortaleza, v.25, n.2, 243-250, abr./jun., 2012.